

*Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul: 21 anos pela  
qualificação da informação ambiental*

*Eloisa Beling LOOSE*<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

**RESUMO**

A resenha traça a trajetória do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS) nos seus 21 anos de trabalho pela qualificação da cobertura ambiental, a fim de mostrar a relevância do grupo para a formação de jornalistas ambientais. Esta organização não governamental (ONG) é pioneira no Brasil no desenvolvimento de atividades que ajudem os produtores da informação jornalística a se sentirem mais preparados na construção de notícias sobre meio ambiente e expandir informações que, às vezes, são omitidas pelos veículos de comunicação de massa.

**PALAVRAS-CHAVE:** NEJ-RS; informação ambiental; histórico; meio ambiente, jornalismo ambiental.

**ABSTRACT**

This review is about the Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS) and intend to show his relevancy to capacitate environmental journalists. NEJ-RS is been working on qualifying of environmental information for the last 21 years. This Non-Governmental Organization (NGO) is a brazilian pioneer in development of activities to help journalists to be prepared to work with environmental issues and release information that, sometimes, are omitted in mass media vehicles.

**KEY-WORDS:** NEJ-RS; environmental information; description, environment, environmental journalism.

**Motivações**

As questões relativas ao meio ambiente emergem cada vez mais nas conversas cotidianas. As instituições públicas e privadas teoricamente já reconhecem a relevância da temática ambiental e informam sobre suas ações na área. A publicidade apropriou-se

---

<sup>1</sup> Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: eloisa.loose@gmail.com.

de termos como sustentável e verde para acrescentar valores positivos nos seus produtos. Seja na política, na economia, na ciência ou nos demais campos sociais, meio ambiente não é mais algo que soa estranho, embora ouvir falar e repetir não represente necessariamente compreender as problemáticas envolvidas na questão ou saber fazer o que é preciso.

Hoje sabemos que as mudanças climáticas afetam a todos, que a urbanização descontrolada traz problemas ligados à pobreza, à ocupação de áreas inapropriadas, à falta de saneamento básico, poluição das águas, excesso de lixo, concentração de asfalto, dentre outros. Reconhecemos que há problemas ambientais na produção de alimentos, centrados em monopólios de cultivos, agrotóxicos e manejo inadequado. A televisão, os jornais, as revistas e a internet possibilitaram a expansão da informação. Muito tempo se passou para que a boa parte da humanidade tivesse acesso quase ilimitado às informações e pudesse relacionar as frágeis ligações que estruturam o meio ambiente. Mas o acesso à informação é capaz de transformar um modo de ser? É possível mudarmos um paradigma a partir da informação?

O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), organização não governamental (ONG), acredita que mais do que ter acesso à notícia, ela precisa ser qualificada. O nosso dia a dia se tornou tão complicado e variado nas suas múltiplas atividades e o acesso à informação é tão grande e volumoso que, mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos de conhecimento. Sublinha-se aqui a importância do jornalismo para a circulação informativa de uma sociedade e a construção de sentidos a partir desta. Mais do que repassar a informação, é preciso contextualizá-la e fazer com que ela represente um diferencial reflexivo para seus receptores.

O jornalismo cumpre função social ao situar a informação em um contexto e revelar as mais variadas relações ocultas pelo modo de agir da nossa sociedade capitalista. A investigação jornalística pode proporcionar ao leitor, distante dos órgãos de poder, o entendimento dos mecanismos pelos quais circulam as decisões de interesse comum. A reportagem produzida de forma democrática e competente amplia as conexões e a capacidade reflexiva de quem a recebe. Além disso, ao ultrapassar os limites da transmissão de fatos para discutir os aspectos críticos de sua difusão em diferentes meios, o jornalismo ajuda na maneira com que as pessoas enxergam o mundo.

O trabalho bem feito dos jornalistas provoca reflexão e discussão, estimulando transformações na consciência sociopolítico-ambiental de toda sociedade. Quando o assunto é complexo e amplo (como quando se fala em meio ambiente) e há uma crise para ser enfrentada, a responsabilidade é ainda maior. Pesquisadores da área de Comunicação e Meio Ambiente, como o brasileiro Wilson da Costa Bueno e o norte-americano Michael Frome, esse último autor do best-seller *Green Ink*, fazem parte de um grupo de comunicadores que defendem uma posição menos neutra e mais engajada dos jornalistas ambientais, diante da rede de interesses sociais e econômicos ligadas às problemáticas da área, bem como uma formação especializada, diante da complexidade interdisciplinar da temática. Articulada com esta perspectiva e unido ao movimento ambiental gaúcho da década de 1980, o NEJ-RS foi criado após o “Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente”, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em Brasília, em novembro de 1989. A fundação ocorreu em 22 de junho de 1990, marcando o pioneirismo de um grupo de jornalistas que acreditava em uma cobertura ambiental mais abrangente e sem as amarras dos veículos de comunicação.

### **Para melhorar a cobertura ambiental**

No Brasil, acompanhando os rumos mundiais, o tratamento dos fatos ambientais demorou a ser considerado como um assunto abrangente complexo - até os anos 1970 a cobertura ambiental era muito focada nos desastres e nas denúncias e de forma esporádica. Contudo, alguns jornalistas já se davam conta dos problemas que surgiam. Segundo Roberto Villar (2009), foi em 1968 que surgiu, na França, a primeira entidade de jornalismo ambiental. Nesse mesmo ano, em terras brasileiras, Randau Marques, o primeiro jornalista brasileiro a se especializar em meio ambiente, era preso pela Operação Bandeirantes por ser considerado subversivo.

Depois disso as descobertas científicas referentes ao buraco na camada de ozônio, nos anos 1980, despertaram nova onda de interesse sobre o meio ambiente. O aquecimento global começa a ser discutido pela imprensa. No Brasil, começou-se a dar ênfase, especialmente, aos problemas de queimadas da Floresta Amazônica

Nos anos 1990, quando o NEJ-RS e outros núcleos estaduais foram criados (em São Paulo, Minas Gerais e Paraná), a proposta era incentivar e aperfeiçoar a cobertura jornalística na questão ambiental e depois criar uma entidade nacional de jornalismo ambiental. Segundo o atual coordenador da ONG, Juarez Tosi (2012), primeira grande

atividade do NEJ-RS foi realizada em junho de 1991, quando juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e o Consulado dos Estados Unidos organizou um debate via satélite com transmissão para Washington (EUA) sobre jornalismo ambiental.

No ano seguinte, foi promovido o I Curso de Extensão Universitária de Ecologia para Jornalistas, um preparatório à Rio 92, no qual técnicos e especialistas debateram com jornalistas e estudantes gaúchos os principais eixos que seriam apresentados na cobertura da Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92).

A cobertura ambiental brasileira acabou ganhando mais destaque quando eventos ambientalistas de grande porte aconteceram aqui, a exemplo das conferência internacional Rio 92. Nesse período, ocorreu intenso debate na sociedade sobre temas de interesse do meio ambiente e a mídia mobilizou-se a favor da causa. Mas, assim que foi encerrada a grande conferência, a temática foi praticamente esquecida, como se todos os problemas ambientais tivessem sido resolvidos. Para o pesquisador de comunicação, Luís Fernando Angerami Ramos, “a impressão que fica é de que fomos vítimas de uma ‘superexposição’ do assunto Meio Ambiente, durante a Rio-92, para logo em seguida mergulharmos numa fase de abstinência, na qual prevalece a ausência quase total de informações ou comentários sobre os problemas ambientais” (1995, p. 148). Após o evento global, na área do jornalismo ambiental<sup>2</sup> brasileiro, apenas o NEJ-RS conseguiu manter suas atividades – os demais núcleos acabaram sedesmobilizando e deixando de existir. Em 1993, o Núcleo realiza o II Curso de Extensão Universitária com o tema “O Papel da Imprensa nos Desastres Ambientais”. A partir do curso foi lançado o Manual de Emergência para Desastres Ambientais no Rio Grande do Sul, que trazia um rápido texto informativo sobre os possíveis tipos de desastres e uma lista de especialistas para contatos em caso de acidentes. A distribuição foi feita para jornalistas em todas as redações da capital.

---

<sup>2</sup> Jornalismo Ambiental é aqui entendido como aquele que “caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que atuam na imprensa” (...) sendo definido “tanto pelas matérias/columnas/editoriais/cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada), quanto nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (são exemplos a Revista do Meio Ambiente, a EcoAgência e o site Jornalistas Ambientais, a revista digital da Envolverde, o jornal digital do Meio Ambiente, os programas Repórter Eco ou Globo Ecologia e mesmo todas as mensagens que são trocadas na Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais)” (BUENO, 2008, p.162). Wilson Bueno lembra ainda que o Jornalismo Ambiental faz parte do segmento mais amplo da Comunicação Ambiental.

No segundo semestre de 1994 foi instituído a realização de um evento mensal aberto ao público para aproximar as questões ambientais da sociedade chamado “Terça Ecológica”. Os encontros reúnem jornalistas, pesquisadores, técnicos e demais autoridades na área ambiental para debater temas atuais que envolvem o meio ambiente. Estes eventos ocorrem de forma periódica até os dias de hoje.

Em dezembro de 1998, foi criada na internet, juntamente com a PANGEA/AgirAzul, a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), que até hoje é espaço de encontro entre os profissionais que mobilizam a questão ambiental na mídia. A RBJA funciona há 13 anos ininterruptamente e tem cerca de 600 jornalistas cadastrados. Mais tarde, em 2000, o Núcleo esteve à frente também do surgimento da Rede de Comunicação Ambiental da América Latina e do Caribe (2000). Por meio da participação destas redes, o grupo busca disseminar fontes, pautas e discussões para melhorar o trabalho jornalístico na área ambiental.

Desde a sua criação, o NEJ-RS buscou formas de viabilizar um veículo de comunicação que possibilitasse a divulgação das notícias ambientais, muitas vezes omitidas pelas grandes redes de comunicação. Em 1991, impulsiona a publicação de cinco edições do “Jornal Sobrevivência”, da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), que foi criada pelo ambientalista José Lutzenberger; em 1992, publicou seu primeiro encarte "Versão Ecologia", no Jornal Versão dos Jornalistas; e, em 1996, lançou seu próprio jornal "Viva - Jornal de Ambiente e Qualidade de Vida”, com 10 mil exemplares, que, por falta de anunciantes, ficou na primeira edição.

Após ter participado de outras publicações em grande periodicidade, em janeiro de 2003 lançou uma agência de notícias virtual, a EcoAgência, para cobrir os eixos ambientais da quarta edição do Fórum Social Mundial, que se realizava em Porto Alegre. A EcoAgência foi criada e sobrevive com a participação voluntária de jornalistas, para divulgação de material jornalístico sobre meio ambiente para livre e ampla reprodução, contribuindo para a democratização da informação e o fortalecimento da causa ambiental. Em 2008, a página da agência foi atacada por hackers, exatamente quando denunciava a pressão da então titular da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) para aprovar a monocultura de árvores exóticas no RS. Alguns meses depois, a agência voltou ao ar, mantendo sua política independente.

O NEJ-RS também tem atuação marcante em programas radiofônicos, especialmente na produção e veiculação do “Sintonia da Terra”, que está disponível para download no site da EcoAgência.

### **Expansão do jornalismo ambiental para o meio acadêmico**

Foi também por iniciativa do NEJ-RS, por meio da professora de jornalismo Ilza Mária Tourinho Girardi, que a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS) tornou-se, em 2003, a primeira faculdade brasileira a criar uma disciplina de Jornalismo Ambiental em seu currículo. Desde então, a pesquisa acadêmica em jornalismo ambiental e a formação de jornalistas ainda na faculdade crescem e já alcançaram os estudos de pós-graduação – não apenas na UFRGS, mas em várias instituições brasileiras.

Em 2005, o Núcleo participou da organização do 1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental (CBJA), ocorrido em Santos, São Paulo, com a coordenação do Núcleo Paulista de Jornalismo Ambiental. Em 2007, ele foi o realizador do 2º CBJA, em Porto Alegre, com cerca de 500 jornalistas participantes do Brasil e do exterior (membros da Rede de Comunicação Ambiental da América Latina e Caribe). Além de fomentar a qualificação dos jornalistas, estes congressos permitem a troca de experiências e o desenvolvimento da pesquisa científica na área da comunicação ambiental. Como fruto do CBJA DE 2007, o NEJ-RS lançou em 2008 o livro “Jornalismo Ambiental - Desafios e Reflexões”.

### **Reconhecimento público**

O NEJ-RS já recebeu importantes prêmios por sua atuação, entre eles o da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e a Medalha Conservacionista da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, ambos em 1994. O Diploma de Iniciativa Louvável foi conferido à EcoAgência no Prêmio de Jornalismo de 2005 da Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente Henrique Luiz Roessler (Fepam). Em 2010, quando o Núcleo comemorava seus 20 anos de exercício pela informação ambiental de qualidade, recebeu a Outorga da Comenda Porto do Sol, da Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, e a Medalha Cidade Porto Alegre, da prefeitura do município.

### **Referências bibliográficas**

BUENO, Wilson da Costa. **As síndromes do jornalismo ambiental brasileiro**. In: MELO, José Marques de Melo (org.): *Mídia, Ecologia e Sociedade*. São Paulo: Intercom, 2008.

FROME, Michael. **Green Ink**. Estados Unidos: University of Utah Press, 1998.  
RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.

TOSI, Juarez. **Levantamento do histórico do NEJ-RS**. Porto Alegre-RS, 2012.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental** - Evolução e perspectivas. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>>. Acesso em: 19 set. 2009.

**Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS)**. E-mail: [diretoria@ecoagencia.com.br](mailto:diretoria@ecoagencia.com.br). Site: [www.ecoagencia.com.br](http://www.ecoagencia.com.br). Endereço: Sala 303 do prédio da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), localizado na Avenida Borges Medeiros, nº 915, centro de Porto Alegre – RS.